

MARÉ

DE NOTÍCIAS

124



A arte da resistência

Por meio de um grafite, o artista Bone transformou um muro cinza em um mural repleto de cor, memórias e saudade. **PÁGINAS 10 E 11**

Lideranças comunitárias e a importância para o desenvolvimento territorial.

PÁGINAS 4 E 5

Reis da limpeza urbana: conheça o trabalho dos garis na cidade.

PÁGINAS 6 E 7

Saiba onde buscar apoio na Maré após romper o ciclo da violência doméstica.

PÁGINAS 12 E 13

FLAMARION ISMIRIM



O nós por nós é de antes de 1888

Após o dia 13 de maio, veio o abandono e, com ele, os negros precisaram criar novas formas de existir e resistir através da política, da educação, do conhecimento da sua origem, cultura e arte e viver diariamente o “nós por nós”. **PÁGINAS 14 E 15**

EDITORIAL

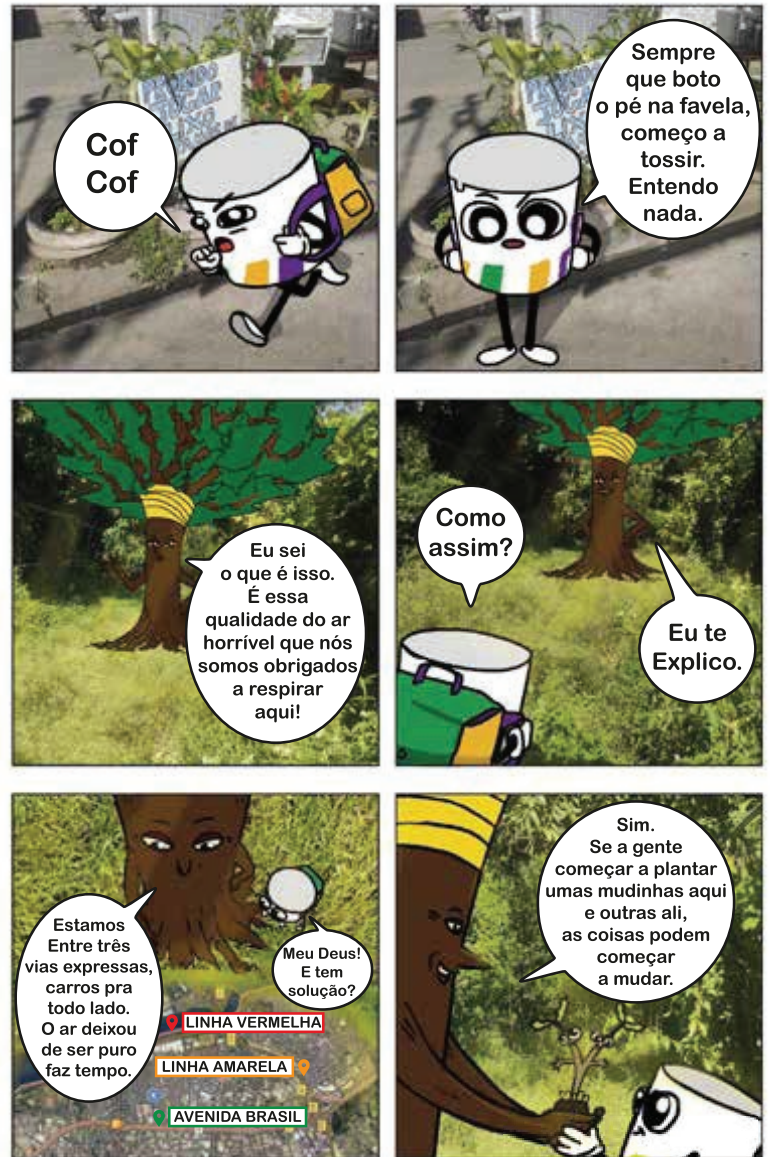
Devido ao aumento dos casos no Rio e, principalmente, na Maré, precisamos suspender a distribuição do nosso jornal para não colocar em risco os nossos distribuidores e leitores que irão receber o material impresso. No intervalo de uma semana, entre os dias 21 e 28 de abril, o painel da Prefeitura registrou na Maré 88 novas mortes, o que aponta para um momento em que o cuidado é mais do que fundamental, mas de extrema necessidade. Então, quem puder, saia de casa apenas para o necessário e para aqueles que precisam sair, o uso correto da máscara e a higienização das mãos é fundamental para evitar o contágio enquanto a vacinação não é acessível a todas as pessoas.

Além disso, chequem qualquer informação que chegar aos ouvidos de vocês sobre a vacinação. Tem circulado muitas *fake news* que podem dar a entender que não vale a pena ser vacinado, quando, na verdade, é de extrema importância para o retorno da normalidade que todas as pessoas possam ser vacinadas.

Por isso, reforçamos a importância de acessar o nosso portal para que vocês possam ler a versão digital do jornal além das matérias exclusivas do online, falando sobre assuntos diversos. Esperamos que na próxima edição os novos casos tenham diminuído e nós tenhamos avançado na vacinação para que logo possamos estar todos na rua.

QUADRINHOS - CAMPANHA CLIMÃO

Guaravitchinho e Dona Faveleira em: Poluição Atmosférica



CEDAE MARÉ (falta de água): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefone: 0800-282-1195

SAIBA COMO RESOLVER: COCÔZAP (mapeamento de problemas de saneamento): Telefone: 99957-3216

DETRAN (emissão de documentos): Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro / Rua Teixeira Ribeiro, 629 – Loja 4/5 – Parque Maré. Telefones: 3460-4040 / 3460-4041

30ª REGIÃO ADMINISTRATIVA: Rua Principal, S/N – Baixa do Sapateiro. Telefones: 3105-4482 / 3881-0399

COMLURB MARÉ (recolhimento de lixo): Rua Teixeira Ribeiro, S/N – Nova Holanda. Telefones: 99771-8544 / 97119-0632

FUNDAÇÃO LEÃO XIII (assistência social e acesso gratuito à emissão de documentos): Rua Gerson Ferreira, 6 – Praia de Ramos. Telefone: 2334-7802

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



R. Sargento Silva Nunes, 1012 Nova Holanda – Maré Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242 www.mareonline.com.br maredenoticias@gmail.com contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré Campanha Climão Casa Preta da Maré Centro de Artes da Maré Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Daniele Moura (Mtb 24422/RJ)

EDITORA
Andressa Cabral Botelho

COORDENADORES DE DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana
Henrique Gomes
Luiz Felipe de Oliveira Bacular

DISTRIBUIDORES:
Andrews de Andrade Faustino

Antônia Valéria Lins e Silva
Cristiane dos Santos
Jonathan Ribeiro Da Cruz
Larissa Oliveira
Luana Cristina Alves
Lucas Frederico Brandão
Leonardo da Silva
Marcela Ferreira Silva Gomes
Thuany Vieira Nascimento
Valdemir Gomes da Cunha Júnior
Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Edu Carvalho
Hélio Euclides (Mtb 29919/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Gabriel Uchida
Gabriela Lino
Kamila Camillo

Wanderson Padilha

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

A qualidade do ar e as mudanças climáticas na Maré

Quais as alternativas possíveis para tentar minimizar o impacto do calor em casa



Estar localizada entre três vias expressas faz com que o ar da Maré seja bastante poluído e danoso para quem o respira

LAERTE BRENO E MARÉ VERDE

Morador da Maré, graduando em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), colunista, educador popular e organizador da UniFavela, pesquisador e mobilizador social.

O ar que respiramos recebe grandes quantidades de gases e partículas líquidas e sólidas que, apesar de serem bem pequenas, provocam um grande impacto ambiental e põem a nossa saúde em risco. A favela da Maré é localizada entre as três principais vias expressas do município do Rio de Janeiro (Linha Amarela, Linha Vermelha e Avenida Brasil), e os veículos que passam por elas liberam uma alta quantidade de gás carbônico (CO₂), associado à questão do aquecimento global. Além disso, a falta de árvores e a proximidade das casas dificultam o ar de circular e refrescar a região.

Maria de Fátima, moradora da Maré, trabalha como diarista em bairros da zona sul do Rio de Janeiro; ela conhece bem a diferença de respirar aqui na favela e no Jardim Botânico, onde trabalha. "O

clima lá é bem diferente da favela. Aqui onde moramos é muito mais quente. Eu trabalho no Jardim Botânico e sinto uma diferença enorme. É muito triste vivermos nessa situação". A moradora reconhece que, com o crescimento populacional no território, muitas árvores tiveram que ser cortadas, o que alterou a sensação de bem-estar na localidade. "Quando foram erguidas, boa parte das casas da Maré tinha árvores em frente aos portões. Era pra ter deixado as árvores, pois teríamos um ar mais puro e mais fresco".

Esses exemplos de poluição do ar são conhecidos como **Poluição Atmosférica** e estão ligados intimamente às mudanças climáticas: se reduzirmos a poluição no ar, também amenizaremos as temperaturas e estaremos cuidando do clima dentro e fora da nossa favela. Esse ar poluído atinge não só os pulmões, como também pode provocar mortes precoces. Percebe-se que as mudanças climáticas já

acarretam danos severos aos pequenos. De acordo com dados da Associação Redes da Maré, o ano de 2018 registrou 30 óbitos de crianças de até cinco anos por doenças respiratórias.

Além disso, o excesso de calor, a péssima circulação do ar e as doenças pulmonares causadas pelas mudanças climáticas, atualmente, se somam à pandemia do novo coronavírus, pondo em risco, de forma ainda mais intensa, a nossa saúde respiratória.

Alternativas possíveis

A favela da Maré, por exemplo, é privilegiada em relação a outras favelas e regiões da periferia do município do Rio por abrigar uma enorme área florestal, o Parque Ecoló-

gico, conhecido na comunidade como "Mata". A localidade conserva grande diversidade de espécies de plantas e pode ser uma excelente alternativa para refrescar o ambiente e de tornar o ar que respiramos um pouco menos carregado. Mesmo sabendo da existência de um espaço tão importante, o local vem sofrendo degradação e só se mantém vivo graças às ações de preservação dos moradores e garis comunitários. Por isso, é importante mobilizar as entidades locais e os vizinhos do Parque para pensar na sua revitalização e multiplicar o verde do local.

O cuidado com o ar também deve estar nas nossas casas. Pintar as paredes de branco ou com cores claras pode aumentar a sensação de conforto térmico. Além disso, na Vila do João e na feira da Teixeira Ribeiro, existem pessoas que vendem mudas de plantas a um preço acessível. Comprar algumas para o seu lar e cuidar delas, trazendo o verde para dentro de casa, é uma excelente opção para melhorar a nossa saúde: as plantas têm a capacidade de filtrar os poluentes. Nós, moradores, estaremos não apenas amenizando os impactos destrutivos do meio ambiente, como também fortalecendo a economia local.

Se você já sentiu dor de cabeça, dificuldades de respiração, incômodo e vermelhidão nos olhos, ou até irritação no sistema respiratório ao estar na rua, isso significa que o ar pode estar carregado de gases tóxicos, como gás carbônico (CO₂), monóxido de carbono (CO), dióxido de enxofre (SO₂), aldeídos (CHO) e óxidos de nitrogênio (NO_x), entre outros.



O poder das lideranças na melhoria dos territórios

Líderes comunitários lutam diariamente por mudanças e avanços para a população



Marielle Franco, cria da Maré, é reconhecida como uma liderança comunitária pelos trabalhos desenvolvidos no bairro

KELLY SAN E HÉLIO EUCLIDES

Quando surgem reivindicações dentro das favelas e dos bairros, de um modo geral as lideranças comunitárias se tornam representantes dos moradores na busca por desenvolvimento social e territorial. Celso Athayde, Raull Santiago, Moniça Cunha, Tande e Thiago Firmino, Jessé Andarilho e Eliana Sousa Silva são nomes relevantes no Rio que se articulam não apenas pelas suas localidades, como também, em rede, atuam para buscar melhorias para a população de um modo geral.

Na maior parte das vezes, tudo começa na associação de moradores. **Vilmar Gomes**, mais conhecido como Magá, está na Associação de Rubens Vaz há 31 anos: foi diretor de obra, vice-presidente e, atualmente, é seu presidente. “Quando entramos na luta para ser líder comunitário, temos o objetivo de correr atrás de melhorias para a favela. Alguns moradores compreendem isso e outros não, mas isso faz parte do nosso dia-a-dia”.

Magá se junta a outros 16

líderes na Maré, nas suas respectivas favelas. **Pedro Francisco** é presidente da Associação do Conjunto Esperança há dez anos. “Os serviços públicos são inexistentes, o Estado é muito ausente. É uma luta diária das lideranças comunitárias, que batem na porta dos órgãos públicos. Eu visto a camisa para liderar verdadeiramente a favela atrás de conquistas. Abrimos mão de muita coisa para investir nessa causa justa que é conseguir recursos e benefícios para os moradores da nossa região”.

Com a pandemia, ficou ainda mais visível o trabalho fundamental dos líderes comunitários para minimizar o impacto da doença nos espaços populares. As campanhas locais de distribuição de cestas básicas surgiram em 2020; um ano depois, essas lideranças entenderam que atuar em rede tornaria o trabalho de saciar a fome de tanta gente mais eficaz e abrangente. As iniciativas Coalizão Negra Por Direitos e Anistia Internacional, Oxfam Brasil, Redes da Maré, Ação Brasileira de Combate às Desigualdades,

342 Artes, Nossas – Redes de Ativismo, Instituto Ethos, Orgânico Solidário e Grupo Prerrô se uniram e fizeram a campanha *Tem gente com fome* que, por meio das doações, beneficiará mais de 200 mil famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade.

Lideranças dentro de uma associação

São muitas as pessoas e instituições que lutam pela garantia de direitos nas periferias. Uma delas é a Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro (Faferj), fundada em 1963 para lutar contra as remoções empreendidas pelo

governador Carlos Lacerda e a implantação da ditadura militar no Brasil em 1964. Hoje, a federação atua na busca por melhorias para a população da favela e para garantir os direitos sociais conquistados no processo de redemocratização do país. A federação tem a função de fundar, regularizar e dar suporte às associações de moradores. Além disso, representa as favelas frente aos órgãos de governo e faz a organização política comunitária das favelas.

A Faferj tem **Filipe dos Anjos** como secretário geral há quatro anos. Segundo ele, para um melhor desenvolvimento local é necessário que organizações e coletivos se aproximem das associações de moradores. “Penso que os coletivos são o futuro. É preciso uma união com as associações para uma melhor atuação territorial. Hoje é difícil isso, pois o presidente da associação é pressionado pelo poder paralelo, pelo Estado que entra com a polícia nos territórios e pelos políticos que querem comprar votos. Dirigentes de associações trabalham muitas vezes sem se alimentar e dormir direito. Eu lembro do Zé Caraca, ex-presidente da As-



Bianca Peçanha, do Nica Jacarezinho, em campanha contra o coronavírus na favela



DOUGLAS LOPES

Eliana Sousa Silva atua desde a juventude em ações comunitárias, sendo a primeira mulher a presidir a Associação de Moradores da Nova Holanda

sociação do Parque Maré, que foi um arquivo humano da história local”.

Ser liderança não é fácil

Há quem lute pelos moradores fora de uma associação. Fundadora do coletivo Especiais da Maré, **Alusca Cristina**, juntamente com Valéria Viana, Francisca Juliana, Marceley Olinto, Ana Carolina, Lorrany Gomes e Luiz Costa, criou uma rede para ajudar as pessoas com deficiências, principalmente crianças. São dois grupos no WhatsApp com quase 400 famílias, que trocam experiências, informações e mesmo doações. “Esse trabalho deu sentido à minha vida. Já senti medo, mas percebi que, sozinha, eu não conseguia nada. Só plantei a sementinha e elas deram continuidade”, conta Alusca.

A Gerando Falcões é uma organização social que atua com líderes sociais para mobilização e transformação social em periferias e favelas. **Lê Maestro**, cofundador e diretor de educação da entidade, avalia que tudo começa pela ausência do Estado, que gera uma série de problemas que afetam diretamente a vida dos moradores desses espaços. “Para tentar cobrir esse buraco, as lideranças sociais agem por meio de projetos que levam às famílias a oportunidade delas viverem seus direitos. Pelo fato da liderança social estar inserida nas favelas atuando diretamente para combater a desigualdade, a nossa atuação se tornou muito importante, extremamente relevante na pandemia.”

Liderança feminina dentro e fora da favela

Hoje é quase impossível falar de lideranças femininas da Maré sem pensar em **Marielle Franco**. Ela começou sua trajetória política como líder comunitária (sua principal bandeira foi a defesa dos direitos humanos) antes de entrar para a vida pública, se candidatando a vereadora pelo município do Rio de Janeiro; foi eleita com mais de 46 mil votos. Marielle não só esteve entre os cinco vereadores mais bem votados em 2016 como também protagonizou uma campanha eleitoral que mobilizou pessoas de todos os cantos da cidade.

Embora dados apontem para um número pouco expressivo de mulheres na política, quando convocadas a estar à frente de processos para reivindicação de melhorias de vida da população, elas são capazes de mover estruturas. Exemplo disso é **Cláudia Lúcia**, presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico há 12 anos. Sua trajetória é marcada pelo desejo de melhorias locais e de resolver esses problemas. “Os desafios de comandar uma associação é grande. Vejo o Parque numa situação de abandono e o que eu mais quero é que ele volte a ser um espaço recreativo. Sendo eu uma das poucas mulheres entre muitos homens, também preciso me impor para ser ouvida”, comenta.

Assim como Cláudia, outras mulheres estão à frente de lutas tanto por melho-

rias locais como também fora do espaço comunitário, criando outras maneiras de ampliar os acessos da comunidade para o restante da cidade. Essa é a história da fundadora da Associação Redes da Maré, **Eliana Sousa Silva**, que, na década de 1980, protagonizou um fato inédito na Maré ao se tornar, aos 17 anos, a primeira presidente mulher da Associação de Moradores da Nova Holanda. Hoje, à frente da ONG que fundou em 2007, desenvolve e articula projetos importantes para o desenvolvimento territorial, e continua sendo uma referência política nos territórios.

Exemplos de lideranças femininas são muitos em outras favelas da cidade. **Bianca Peçanha** (22) é coordenadora do Núcleo Independente Comunitário (NICA), localizado no Jacarezinho. Estudante de escola pública e a primeira de sua família a ingressar em um curso superior, ela conta que deve muito a mulheres negras que vieram antes para que hoje ela pudesse chegar onde está. Bianca entende que, como alguém em um lugar de liderança, o seu papel é dar um pouco do que ela tem para os seus iguais: “Quando entrei na faculdade, senti falta de ver pessoas iguais a mim lá. No segundo período do curso eu já dava aula de geografia no projeto social, e foi quando encontrei o fundador do NICA e decidi somar forças para fazer esse projeto acontecer”.

Seguindo na política institucional, a cria da Maré **Renata Souza** é jornalista e sempre esteve à frente de lutas políticas para melhorias da favela em que nasceu. Deputada estadual do Rio de Janeiro, foi a primeira mulher negra a presidir a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). Hoje, está à frente da Comissão Especial de Combate à Miséria e Extrema Pobreza. Renata se destaca não só por enfrentar uma Alerj de maioria masculina como também ter um importante papel na vida de mulheres negras e periféricas, que enxergam nela uma referência de luta e coragem.

Para homenagear essa brava gente brasileira, a Lei nº 11.287 de 2006 instituiu o 5 de maio como o Dia Nacional do Líder Comunitário. Muitos vivas a eles!

De vassoura na mão, garis não deixam o lixo no chão

Profissionais da limpeza enfrentam desafios do dia a dia com amor à profissão

HÉLIO EUCLIDES

Quando realizou o primeiro serviço de limpeza urbana, em 1876, a pedido do imperador Dom Pedro II, o francês **Pedro Aleixo Gary** não imaginava que o seu nome ainda seria diariamente lembrado, 145 anos depois. São os garis – homens e mulheres – que recolhem o lixo e limpam diariamente as cidades do Brasil os homenageados do dia 16 de maio, data instituída pela Lei Municipal nº 212, de 1962.

Os garis são profissionais socialmente invisíveis (ou ignorados) pela população por desempenharem um trabalho que não infere glamour e status, embora seja de extrema importância. Para o doutor em psicologia **Fernando Braga da Costa**, o fenômeno da invisibilidade social se dá a partir de dois fatores: coisificação e humilhação social. Na coisificação, ele entende que a pessoa é o que ela produz. Como consequência disso, vem a humilhação social. Segundo o pesquisador, o gari e o lixo seriam um único elemento, o que permitiu a ele entender o porquê de as pessoas ignorarem ou tratarem esses servidores municipais como profissionais inferiores.

Basta lembrar o episódio ocorrido durante a cobertura jornalística do Réveillon de 2009, na qual o jornalista Boris Casoy ofendeu dois garis ao fim do telejornal: “Dois lixeiros desejando Feliz Ano Novo do alto de suas vassouras. O mais baixo da escala de trabalho”. À época, a TV Bandeirantes e o âncora foram condenados a pagar R\$60 mil a Francisco

DOUGLAS LOPES



Além da coleta de lixo e varrição de ruas, garis realizam uma série de outros trabalhos, como a remoção de resíduos de encostas

Gabriel de Lima, um dos garis que apareceram na imagem.

Embora a fala do jornalista tenha rebaixado os profissionais e reforce a tese do pesquisador, os garis são trabalhadores primordiais e a interrupção de seus serviços leva as cidades ao caos. Basta lembrar o carnaval carioca de 2014: depois de terem o pedido de aumento de salário negado, os profissionais da limpeza fizeram greve, o que fez com que a cidade transbordasse de lixo em meio à folia. Foi preciso o incômodo coletivo para que a população notasse a importância de quem está à frente da limpeza pública.

A relevância do trabalho dos garis foi o que impulsionou, no início de abril, a aprovação do Projeto de Lei nº 1.011, que pôs esses trabalhadores no grupo prioritário para receber a vaci-

na contra a covid-19. “Achei isso maravilhoso, uma vez que os nossos serviços não pararam. Nosso trabalho é de suma importância para a saúde de nossa cidade”, diz **Valdenise Brandão**, mais conhecida como Val, que atuou em diversos espaços na Maré.

Diferentemente do que o senso comum imagina, os garis atuam em outras frentes além da coleta domiciliar, como varrição manual e mecanizada, limpeza de hospitais e escolas, roçada, capina e raspagem, limpeza das praias, podas de árvores, coleta seletiva, remoção de resíduos de encostas e manutenção de parques, canteiros e jardins. A ação da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) pode-se notar, por exemplo, nos locais de descarte indevido de lixo que se transformaram em canteiros. “Atuar

na Maré é um grande prazer e também um desafio. No território, eu trabalhava com revitalização de pontos críticos de acúmulo de resíduos”, conta Val, que hoje faz reviver as praças através de pintura e plantio. Segundo ela, há muita satisfação em dar vida e cores aos espaços.

A Comlurb nasceu depois da fusão do Estado da Guanabara com o do Rio de Janeiro, com a extinção da Companhia Estadual de Limpeza Urbana (Celurb), em 1975. Criada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, hoje ela é uma companhia vinculada à Secretaria de Conservação e Serviços Públicos (no período de sua criação, ela fazia parte da Secretaria Municipal de Obras).

O Maré de Notícias, na edição 105, de outubro de 2019, trazia a história de



DOUGLAS LOPES

Antes da pandemia era possível encontrar pelas ruas da Maré o casal Jeferson dos Santos e Jaqueline Macena trabalhando

Jaqueline Macena, cuja família é composta por garis e que conheceu seu companheiro, Jeferson dos Santos, no trabalho. Hoje, ela conta a felicidade da espera do seu segundo filho e da sua vivência de 12 anos como gari. “Eu me orgulho muito da profissão, amo o que eu faço. Só fico desanimada quando vejo moradores que descartam o lixo em qualquer lugar”, diz. Ela trabalhou por sete anos na Nova Holanda e agora faz o serviço de varrição na Praia de Ramos. Jaqueline lembra que a maior dificuldade em sua rotina são as operações policiais, que já a deixaram em situações delicadas. Contudo, isso não a faz desistir, pois seu objetivo maior é deixar a rua limpa, algo que pretende fazer por toda sua vida.

A limpeza com um sorriso no rosto

“Viva o *Gari Sorriso*. Saudações pra essa galera, que rala na chuva, no sol, nas enchentes. Não tem tempo ruim, pra manter nossa cidade limpa”. Esse é o refrão da música *Gari Sorriso*, do cantor e compositor Bhega Silva, morador do Parque União, em homenagem a um dos profissionais da área mais conhecidos do país: **Renato Luiz**. Mais conhecido como Sorriso, ele se destacou em 1998 ao varrer a Marquês de Sapucaí depois do desfile de cada uma das escolas de samba do Grupo Especial, sempre com o samba nos pés. Resultado: o público não parou de aplaudir o show do gari.

Depois disso, por conta de doen-

ças, apenas em dois anos ele não repetiu seu espetáculo no palco maior do samba. “Na madeira dá cupim e no ferro, ferrugem. Nós, garis, nos esforçamos ao máximo para realizar um bom trabalho, mas, às vezes, o corpo não suporta”, desabafa. Sorriso já participou de diversos programas de televisão, além de viajar para mais de 14 países. Ele chegou a ser um dos escolhidos para carregar a tocha olímpica nos preparativos da Rio 2016. Mas confessa: a sua maior felicidade é tomar café com os colegas garis.

Além de varredura, o gari também exerce a tarefa de conscientização, quando visita escolas nas favelas, incluindo as da Maré. “Trabalhamos com as crianças para que elas aprendam que a rua limpa traz bem-estar. Isso chega até os pais. Um exemplo é o óleo usado, que não deve ser jogado no lixo. Na Maré, nosso amigo Bhega faz a coleta. É preciso cuidar do meio ambiente, pois a natureza cobra”, explica. Sorriso confessa que a vassoura não é vergonha e sim, uma responsabilidade.

Um lixo no meio do caminho

De acordo com a Comlurb, são recolhidas, diariamente, em todo o município, entre 200 mil e 250 mil toneladas de resíduos sólidos – incluídos lixo domiciliar e público, resíduos de construção civil e remoção gratuita. Na Maré, são 50 trabalhadores comunitários e 76 garis da própria companhia ativos. Os trabalhos são realizados com apoio

de oito microtratores, duas pás carregadeiras, seis caminhões compactadores e oito caminhões basculantes, entre outros equipamentos. Os moradores do território contam com oito caixas metálicas de 5m³, oito compactadoras de 15m³, duas de 30m³, além de 105 contêineres para o descarte de resíduos. O número de caçambas ainda é pouco; são comuns os equipamentos cheios de lixo e muitos resíduos espalhados pelo chão.

O projeto Gari Comunitário foi criado em 1995 com o objetivo de permitir que moradores das próprias favelas fossem contratados pela associação de moradores para desempenhar funções de limpeza (sem a necessidade de utilização de transporte para locomoção ao trabalho), com boa interlocução, tendo conhecimento geográfico da área e das necessidades territoriais. Além de haver uma diminuição natural de mão de obra em função de aposentadoria e óbito, a Comlurb vem reduzindo, gradativamente, a quantidade de garis comunitários, atendendo a uma decisão judicial do Ministério Público do Trabalho, de 2010, para que sejam substituídos por garis concursados da Companhia.

Apesar de a companhia afirmar que os serviços de limpeza são diários na Maré, incluindo coleta domiciliar duas vezes ao dia, presidentes de associações reclamam de falhas em algumas partes, o que ocasiona acúmulo de resíduos em pontos da região. “A Comlurb está dentro da Maré, mas hoje faz um trabalho um pouco precário, com falta de material humano, caminhão e trator para recolher o lixo”, reclama **Vilmar Gomes**, mais conhecido como Magá, presidente da Associação do Rubens Vaz. Sobre as reclamações apresentadas, a **Comlurb** afirmou manter uma unidade na Maré dedicada integralmente ao atendimento das 16 comunidades da área. A empresa garante que todas recebem serviços diários de limpeza e coleta de resíduos. Sobre os garis comunitários, explicou que o projeto é uma parceria com as associações de moradores locais, que administra e contrata os trabalhadores, ficando ao seu cargo apenas o repasse da verba e a fiscalização.

No rolé do lixo na Maré, todo mundo é protagonista

Parece que depois que a gente amarra a sacola e põe fora de casa, o problema não é mais nosso. Mas hoje a gente te mostra que, na cena do lixo na Maré, cada um pode fazer sua parte

VINÍCIUS LOPES E RUTH OSORIO

Arte: Nicolas Noel

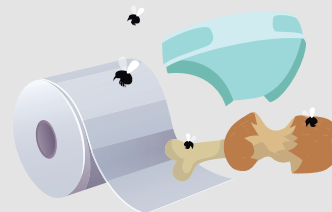
Edição: Elena Wesley

NA CENA DO LIXO NA MARÉ, CADA UM PODE FAZER A SUA PARTE

Nem tudo é lixo!

Nem tudo que a gente coloca na lixeira não tem mais uso. O que chamamos de lixo, na verdade, são os resíduos sólidos: todo material que a gente descarta e que pode ter muitos outros usos através da reciclagem, compostagem (transformação dos resíduos orgânicos em adubo) ou reutilização. Por isso, nem tudo que a gente joga fora deve ir pro mesmo lugar.

RESÍDUOS ÚMIDOS
OU REJEITOS



RESÍDUOS
SECOS



RESÍDUOS
ORGÂNICOS



RESÍDUOS
PERIGOSOS



Separe seus resíduos entre secos e úmidos em duas lixeiras diferentes!



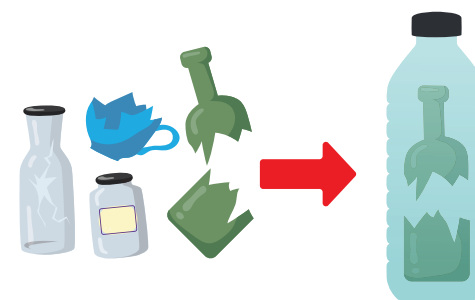
Nada de colocar lixo de banheiro com materiais secos, viu?

Cuide dos recicláveis!



Sempre que possível, lave e seque seu material reciclável.

Vidros são recicláveis mas exigem cuidado



Coloque vidros dentro de uma garrafa PET. Ninguém quer que o catador se machuque, né?

Resíduo também é trabalho

Separar os resíduos secos é extremamente importante para valorizar uma figura central na dinâmica dos resíduos na cidade: o catador de materiais recicláveis. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), os catadores são os responsáveis por cerca de 90% dos materiais que são reciclados no Brasil.

Em 2018, cada catador associado a alguma cooperativa apoiada pela Associação Nacional de Catadores coletou cerca de 1,6 tonelada de recicláveis por mês. Isso equivale a 51 kg de resíduos por dia. Muita coisa, né?

Na Maré, a maioria dos catadores de materiais recicláveis trabalha de forma individual, não em cooperativa. Eles fazem o garimpo desse material e vendem para os chamados ferro-velhos. Materiais de maior valor agregado, como o metal de latinhas, por exemplo, chegam a custar cerca de R\$ 4 por quilo, enquanto materiais como papel, plástico duro e papelão, por serem mais fáceis de garimpar, são comprados por um valor menor.

Na dinâmica do lixo todo mundo é ator

Na Maré não tem coleta seletiva feita pela Comlurb. É o que acontece em muitos bairros do Brasil, já que apenas 38,7% dos municípios possuem esse serviço. Essa coleta, no entanto, é feita pelos catadores sem nenhuma ajuda da prefeitura.

Muitos moradores já reconhecem o trabalho dos catadores e, por isso, separam pelo menos parte de seus resíduos recicláveis. Alguns até deixam os materiais perto da casa dos próprios catadores.

Uma galera ficou desempregada com a pandemia, então o número de catadores aumentou bastante na Maré.

Você sabia?

RECICLAGEM NO BRASIL

Cada brasileiro gera em média 1 kg de resíduos todos os dias. Desse total, cerca de 30% são potencialmente recicláveis, mas a gente recicla apenas 5,3% desses materiais. Ou seja, somente 1,6% dos resíduos que o Brasil gera são efetivamente reciclados. Quase nada, né?

CENTROS DE APOIO PARA A RECICLAGEM

Os Centros de Apoio para a Reciclagem (CAR) fazem parte do Projeto de Lei 1.484/2019, que foi sancionado pelo prefeito Eduardo Paes no início deste ano. O objetivo principal é que esses centros supram a lacuna deixada pela falta de coleta seletiva nas favelas do Rio de Janeiro e apoiem os catadores no recebimento do material coletado.

A Maré deve receber um desses centros. A expectativa é que os CARs aumentem a reciclagem e gerem empregos e renda aos moradores da Maré.

Os resíduos perigosos devem ficar longe dessas lixeiras.



Geralmente farmácias e mercado grandes aceitam pilhas, baterias e remédios vencidos.



Fique atento aos horários que a Comlurb passa na sua rua para retirar seus resíduos de casa no horário certo.



Se alguém da casa estiver com o coronavírus, higienize os materiais com água e sabão, cloro ou álcool. Se não puder molhar, deixe separado por uns 5 dias.

O IV Encontro de Saneamento vem aí!

O IV Encontro de Saneamento da Maré vai acontecer no dia 18 de maio, às 17h, e centrará a discussão na produção de resíduos sólidos na Maré, além da atuação da Comlurb, dos catadores e dos Centros de Apoio à Reciclagem. Além disso, no dia 15 de maio teremos uma oficina para trabalharmos o reaproveitamento de resíduos na prática!

No último encontro, conseguimos debater essas questões e lançamos nossa carta de saneamento, que foi construída coletivamente com vocês, moradores. É importante que a gente continue lutando para que nossa voz seja ouvida, então chega junto, morador!

Gostou da proposta, quer saber mais sobre ela e participar dessa discussão? Fique de olho nas redes sociais do @cocozapmare ou entre em contato com o número do cocôzap: (21) 99957-3216.



data_
labe

A arte como resistência

Grafite na Vila dos Pinheiros faz homenagem a Marielle Franco, Marcus Vinícius e Cadu Barcellos, além de ressaltar a importância de se cuidar durante a pandemia



DINHO COSTA

Vicente Mariano, na Baixa do Sapateiro”, disse Bone.

Trabalhos como esse ajudam na luta pela resistência da memória dos mareenses, como também são importantes para conscientizar a população. Bone também homenageou profissionais da saúde, retratando uma enfermeira com uma seringa na mão, ressaltando a importância da vacinação contra o coronavírus em toda a população para conter a pandemia. “São grandes heróis diante de tudo que estamos vivendo”. O mural tem 15 metros de comprimento e fica a 20 metros da Clínica da Família Adib Jatene, na Vila dos Pinheiros.

A ação foi financiada pelo gestor do estacionamento, que cedeu o espaço para a 'tela', além de material e ajuda de custo para o artista. Durante a execução, familiares do cineasta Cadu Barcellos, um dos homenageados, estiveram presentes e levaram lanche para o artista. Bone resalta que a maioria desses projetos que surgem na favela deriva de investimentos dos próprios moradores, seja em mão de obra, materiais, recursos ou financiamento.

Por ser querido pelas crianças, o artista já foi questionado algumas vezes por moradores sobre a possibilidade de dar aulas de arte para jovens da Maré. Ele se sente honrado, mas não vê como parar de pintar para lecionar, pois seu

DINHO COSTA E HÉLIO EUCLIDES

Quem passa pela Linha Amarela não fica sem perceber um grafite que chama atenção bem na entrada da Vila dos Pinheiros. A ocupar o grande muro, além de um agradecimento aos profissionais de saúde que estão na linha de frente contra o covid-19, está a ilustração intitulada *Sonhos interrompidos*, homenageando a vereadora Marielle Franco, o estudante Marcus Vinícius e o cineasta Cadu Barcellos. As artes têm em comum o poder de provocar quem passa pelo local, seja a pé, de moto ou de carro; elas geram uma reflexão do porquê de aquelas imagens estarem ali e serem relevantes para a nossa sociedade, transformando o cinza sem graça do muro em um mural cheio de cores, histórias e, principalmente, memórias.

A arte traz como protagonistas três mareenses, vítimas da violência armada na cidade. Marielle Franco, socióloga e vereadora, foi executada em 2018, no bairro do Estácio. No mesmo ano, Marcus Vinícius foi baleado em operação policial na Vila dos Pinheiros, quando estava a caminho da escola. Em 2020, o cineasta Cadu Barcellos foi assassinado no Centro do Rio.

O autor do mural é um dos muitos artistas que colorem o território: **Rogério de Souza Libone**, mais conhe-

cido como Bone, morador da Maré há 26 anos. Bone é um artista de *street art* (ou arte de rua, caracterizada por grafites e frases que narram o cotidiano). Seu trabalho é presença constante em muros, paredes e portões da região.

O mural do estacionamento começou a ser feito no começo deste ano e levou cerca de duas semanas para ficar pronto. “Muito bom o trabalho juntar Cadu e Marielle, personalidades que, ao longo de suas vidas, somaram muito na luta pelos direitos sociais e humanos das favelas, e o menino Marcus Vinícius, estudante do Ciep Operário

DINHO COSTA



Marcus Vinícius, filho de Bruna Silva, também faz parte do mural e foi imortalizado sorridente na ilustração



MATHEUS AFFONSO

Neilde Barcellos, mãe do cineasta Cadu Barcellos, ao lado da arte de Marcelo Augusto na Tabacaria Dread Locks

sustento ainda vem do trabalho como artista. Outra barreira seria o espaço para as aulas acontecerem, pois não é fácil encontrar um local adequado (cedido e não, alugado) para o desenvolvimento de um trabalho comunitário social.

A emoção aos olhos das mães

Bruna Silva, mãe de Marcus Vinícius, morto vestindo seu uniforme escolar em uma operação policial, conta que, no dia 8 de abril (dia do aniversário dela), recebeu um presente inusitado e emocionante. Bruna estava em uma farmácia quando olhou para o céu e viu um enorme arco-íris e, no fim dele, justamente o desenho do Marcus Vinícius. “Senti que era um sinal vindo do céu e que meu filho, de alguma forma, estava ali me olhando e dizendo que estava tudo bem”. Bruna acredita que o grafite ultrapassa o artístico por ter uma mensagem por trás. “É um gesto de protesto, para mostrar à sociedade o que acontece com moradores nas favelas, que essas pessoas não são mais um número: elas têm nome, sobrenome e histórias de vida.”

Agradecida a todas as pessoas envolvidas na homenagem ao filho, Bruna lembra que Marcus Vinícius sempre disse que o verdadeiro cria não morre, vira lenda. “Como mãe, só me faz bem olhar para o mural e ver o rostinho lindo dele, aquele sorriso, todos os dias. É uma energia tão boa quando eu vejo para aquele grafite, sinto que meu filho está em paz. É muito bom saber que

meu filho ainda vive imortalizado na pintura aqui na Maré.”

“Achei muito bacana. Cadu merecia essa homenagem dos mareenses, os conterrâneos dele. Ele é uma estrela que deu muito orgulho para a família e para muitas pessoas que o conheceram. Tenho uma tristeza de não ter mais o meu menino, mas muito orgulho do homem que ele se tornou e o que representou para os jovens e para a Maré” comenta **Neilde Barcellos**, mãe de Cadu, feliz pela arte estar na Linha Amarela, uma via expressa importante na cidade.

Um amor pela Maré

Outro artista que está colorindo espaços na Maré é **Marcelo Augusto**. A sua *street art* está presente na Tabacaria Dreads Lock, da Vila dos Pinheiros, que traz o rosto de Cadu Barcellos. “Fiquei muito emocionada porque era um ponto de encontro que ele gostava muito de frequentar. O Cadu encontrava ali os amigos. Até eu mesma, quando não conseguia falar com ele pelo celular, ia direto lá e o achava”, conta a mãe do cineasta.

Cadu teve seu primeiro lar na Vila dos Pinheiros; depois, foi morar ainda criança nos conjuntos que levam o mesmo nome. “O desenho me passa um sentimento do quanto aquele lugar pertencia a ele. Meu filho era Maré de corpo e alma, gostava muito da favela. Em todos os lugares do Brasil e nos países em que estive, sempre falou com orgulho que morava na Maré”, revela

sua mãe, acrescentando que, nos anos 1970, havia muito preconceito com quem morava na Nova Holanda.

Uma arte que mostra vidas

O grafite transformou-se em uma referência na arte nos anos 1960 – uma expressão dos jovens do Bronx, o mais pobre dos cinco distritos que formam a cidade de Nova York. Com o passar do tempo, o grafite se tornou um cotidiano artístico. No Brasil, virou um instrumento de inserção social e resistência, se naturalizando nas favelas. Como arte popular, ele mostra que a população oprimida tem um poder de reconstrução e ressignificação.

Felipe Reis atuou por 13 anos na Maré como professor de hip-hop, estilo musical que engloba quatro pilares, entre eles o grafite. Ele compreende que essa forma de se expressar é uma tática de voz, de fazer parte da sociedade através de imagens e frases. Para ele, o hip-hop é uma cultura influente, que cresce a cada dia, com pessoas que se expressam por meio da música, dança ou pintura urbana. “O hip-hop atua como um grande incentivador porque ele oferece política, cultura e socialização para as pessoas. Especificamente sobre o grafite, ele leva esperança para a população da comunidade. Quando vejo uma pintura dos nossos que já foram é como levantar estátuas em homenagem aos amigos e guerreiros. Hoje, vemos a pintura da Marielle em muitos lugares e isso incomoda bastante a sociedade. Precisamos continuar a lembrar essas pessoas, ainda tão mobilizadoras, mesmo não estando fisicamente com a gente”.



DINHO COSTA

Ilustração da Fiocruz, pólo de produção de vacina vizinho à Maré



ACERVO PESSOAL

Família Soares: Michel, Michele Cristina, Rayanne e Raynner reunidos antes da pandemia

te pretas. “O nosso objetivo está na conscientização e no estímulo do autoconhecimento, desenvolvimento, reencontro e a afirmação dessa nova mulher”, explica a psicóloga. O projeto funciona no Morro do Timbau e oferece atendimento psicológico, dança pélvica, roda de gestantes, roda de ervaria e fitoterapia, entre outras atividades.

A Casa das Mulheres funciona desde 2016 na favela do Parque União. É um espaço concebido pela Associação Redes da Maré a fim de fortalecer o protagonismo de mulheres marreenses. Antes de ser decretada a pandemia, foram 150 mulheres alfabetizadas; 86, formadas em gastronomia básica e avançada; 84 tornaram-se assistentes de cabeleireiro e 58 passaram a atender em casa ou trabalhar para alguma empresa de beleza. No enfrentamento à violência contra a mulher através do atendimento sociojurídico e psicológico, foram realizados 337 acolhimentos pelo Maré de Direitos.

A Rede de Apoio às Mulheres da Maré (RAMM) surgiu a partir de iniciativa da ONG Luta Pela Paz e é voltada para a formação de pessoas que farão atendimento

a essas mulheres que sofrem algum tipo de violência. “A ideia da RAMM é instrumentalizar profissionais da Maré que recebem essas mulheres, com informações sobre organizações que podem apoiar e acolher as vítimas”, explica **Lola Werneck**, coordenadora de articulação da ONG Luta Pela Paz e representante da Luta pela Paz na RAMM.

Com o aumento do número de casos de violência doméstica no início da pandemia e as instituições fechadas, algumas articuladoras de instituições da Maré foram convocadas pela RAMM para receberem um curso de capacitação para atender mulheres vítimas de violência doméstica neste momento. “Todo mundo sabe que a Maré é um território protagonizado por mulheres. Só estamos dando continuidade a essa história”, explica Lola. Fazem parte da rede a ONG Luta pela Paz, o Centro de Referência de Mulheres da Maré (CRMM), o Centro de Referência para Mulheres Suely Souza de Almeida (CRM), a Casa das Mulheres (Redes da Maré), o Observatório de Favelas, Caps II – Carlos Augusto da Silva (Magal) e a Coordenadoria de Atendimento Primário CAP 3.1.

A lei na teoria e na prática

Em 7 de agosto de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.340, que criminaliza a violência doméstica e familiar. Ela é popularmente conhecida por Lei Maria da Penha em homenagem à mulher cujo marido tentou matá-la duas vezes e que, desde então, se dedica ao combate da violência contra as mulheres. Sendo uma política pública de enfrentamento a casos de violência doméstica, a lei trouxe avanços à luta da violência contra mulher, como, por exemplo, a criação de outras leis, como a de número 13.104/2015, que determina ser o feminicídio um qualificador que transforma o homicídio de mulheres em um crime hediondo.

Ainda que a lei Maria da Penha seja considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das três melhores legislações para o enfrentamento da violência contra as mulheres, nem toda vítima, considerando classe, raça, etnia e orientação sexual, usufrui dos mesmos direitos da proteção garantida por ela. No caso das favelas, a violência doméstica e de gênero muitas vezes pode ser silenciada devido à existência de um poder paralelo, seja o tráfico ou a milícia,

que acaba fazendo com que as mulheres acreditem mais na eficiência dessa instância do que a das autoridades oficiais de segurança.

Além disso, muitas das vítimas desconfiam dos agentes de segurança pública como uma alternativa de proteção, já que muitas delas já assistiram a policiais agredindo seus filhos, irmãos e sobrinhos. **Jô** (nome fictício), moradora da Nova Holanda, foi vítima de violência doméstica e conta que, ao procurar a Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM), se sentiu violentada novamente; ela não conseguiu fazer o registro da ocorrência. “Chegando na DEAM, o inspetor disse que não ia adiantar o registro porque ele não teria como mandar uma viatura na favela para fazer cumprir a medida protetiva”, conta.

“Essa ação descrita é ilegal e, em casos como esse, eu sempre digo à mulher para reduzir os danos procurando outra delegacia, pois o mais importante é garantir o bem-estar e a segurança dela” explica a advogada Camila Claro. Dessa forma, Camila incentiva as vítimas a não desistirem de denunciar as agressões nas delegacias e também a procurar outras formas de ajuda, como os espaços de apoio.

ESPAÇOS DE APOIO

DEAM Centro

📍 Av. Visconde do Rio Branco, 12 – Centro T: 2334-9859 / 3657-4323

DEAM Jacarepaguá

📍 Rua Henriqueta, 197 – Tanque T: 2332-2578 / 2332-2574

DEAM Oeste

📍 Rua Cesário de Melo, 4138 – Campo Grande T: 2333-6941 / 2333-6944

Defensoria Pública

📍 Av. Marechal Câmara, 314 Ouvidoria: 0800 282 2279

Núcleo de Defesa dos Direitos da Mulher da Defensoria Pública (NUDEM)

📍 Rua do Ouvidor, 90, 4º andar – Centro T: 129 ou 2332-6371

Dia 14 de maio: o que veio depois da libertação?

A falta de políticas públicas de inclusão, remoções forçadas e os movimentos de resistência no pós-abolição são alguns dos legados do Brasil negro



Concentração da Caminhada por Zumbi, ato organizado pelo Movimento Negro Unificado (MNU) em frente ao Teatro Municipal de São Paulo em 20 de novembro de 1979

ANDRESSA CABRAL BOTELHO

No dia 14 de maio, eu saí por aí/ Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir/ Levando a senzala na alma, eu subi a favela/ Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci (14 de maio – Jorge Portugal e Lazzo Matumbi)

A música interpretada pelo cantor baiano Lazzo Matumbi retrata a realidade da população negra ao longo desses 133 anos após a abolição: a liberdade chegou, mas não as garantias de inserção dessa população na sociedade. Se antes existiam os quilombos e as revoltas, depois da assinatura da Lei Áurea iniciou-se um novo processo de articulação negra em busca de igualdade e integração. Embora falemos desse assunto em 2021, a insegurança surgida em 1888 persegue a população negra até hoje e mostra que a assinatura da lei não representou uma ruptura com a discriminação racial.

Mesmo que hoje seja possível ver pessoas negras na televisão, nas faculdades de elite e ocupando cargos de liderança, elas ainda são uma exceção dentro da realidade brasileira. Na canção, Matumbi canta sobre o negro sem casa, comida, trabalho, acesso à saúde e educação, mas também sobre luta e resistência. No país, os números ainda são discrepantes e mostram o legado

da escravidão e o impacto da falta de políticas de inclusão na vida de muitas pessoas pretas e pardas.

No mercado de trabalho, a população preta é a maior parte da força de trabalho do país, representando 53,7%; hoje, eles são 62,5% entre os 13,9 milhões de desempregados brasileiros. Entretanto, pretos e pardos têm presença mais acentuada nas áreas da Agropecuária (60,8%), Construção (62,6%) e Serviços Domésticos (65,1%), segundo a Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019.

Observando essas três áreas, é possível traçar um paralelo com o passado: os primeiros trabalhos realizados por negros no Brasil eram na agricultura, com o plantio de cana de açúcar, algodão e café. Na área de construção, os escravizados foram responsáveis por erguer as cidades, assim como pela abertura de estradas – entre elas, a Estrada Real, conjunto de vias que ligava a região das minas até o porto do Rio de Janeiro. Enquanto trabalhadoras do lar, as mulheres serviam as casas grandes no campo e na cidade.

Higienização e remoção

Antes mesmo do fim da escravidão, havia um movimento de negros livres e fugidos do interior ou de outras capitais para a cidade do Rio em busca

de trabalho, por aqui ser a capital do país. Após 1888, isso se tornou mais frequente e, com a grande quantidade de pessoas desabrigadas, começaram a surgir os cortiços e as primeiras favelas. Entretanto, para os governantes, não era atrativo ter esse tipo de moradia nos grandes centros urbanos, principalmente no Rio de Janeiro, capital do país. Começa, então, no início do século XX, um processo de higienização desses espaços que parece não ter fim, removendo pretos pobres do Centro e de outras zonas de interesse, como a Zona Sul, para regiões mais afastadas.

“Ao pegar um mapa da cidade do Rio e fazer uma categorização por renda e cor, por exemplo, consegue-se perceber a nítida diferença entre onde brancos e negros habitam. E se você pegar um mapa histórico, consegue ver um deslocamento do Centro rumo às periferias”, afirma o professor e mestre em Geografia **Filipe Gomes**. Analisando dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de renda per capita de bairros e favelas, é possível entender a explicação do professor.

Antes de se tornar o terceiro metro quadrado mais caro da cidade, a Lagoa – e outros bairros da Zona Sul – abrigava muitos negros, principalmente por eles trabalharem em um complexo fabril que existia na região do Jardim Bo-



ELIS RUA

Coletivos negros durante manifestação contra fechamento da Casa de Jongo em 2018 tânico, como a extinta Real Fábrica de Pólvora. Ali ainda existia a chácara da Baronesa da Lagoa Rodrigo de Freitas, que deixou a propriedade, depois da abolição, para os negros que trabalharam para a família. Para abrigar esses trabalhadores, cresceram no entorno as favelas Ilha das Dragas, Praia do Pinto e Catacumba. Nos anos 1960, com a especulação imobiliária na Zona Sul, começaram os processos de remoção. Frequentes incêndios devastaram as favelas, e os moradores dessas localidades foram removidos para os conjuntos habitacionais da Cidade Alta, Cidade de Deus e Maré, especificamente a Nova Holanda. Hoje, a renda per capita da Lagoa é de R\$5.635, enquanto a da Cidade Alta é de R\$277, a da Cidade de Deus, R\$359 e a da Maré, R\$394.

Essa é a história dos moradores das favelas da Lagoa, semelhante a de muitas outras pessoas que hoje vivem nos conjuntos habitacionais das favelas e periferias da cidade do Rio. “A partir do momento em que um determinado espaço se torna importante e visível, os ‘invisíveis’ têm que desocupá-lo, porque eles não podem estar na área que se torna de interesse”, destacou a professora e mestra em Ensino da História **Lorraine Janis**. Ela viu movi-

mento semelhante no bairro em que foi criada, Padre Miguel: ali foi construído o Conjunto Residencial Cardenal Dom Jaime Câmara, em 1969, para abrigar as 26 mil pessoas expulsas de favelas do Leblon, da Lagoa e do Maracanã.

“Mas minha alma resiste, meu corpo é de luta”

Mesmo com a abolição, negros e mestiços continuavam sofrendo discriminação racial, mas engana-se quem acha que a população preta, seja no pré ou no pós-abolição, assistiu passiva aos acontecimentos. Diversas foram as articulações para combater o racismo e promover a inclusão; graças a elas, hoje há políticas públicas (ainda que sejam poucas para 133 anos) que permitem gozar de direitos que, mesmo assim, deveriam ser acessíveis a toda a população.

A resistência se deu de diversas formas: através da educação, política, cultura. Os terreiros e blocos carnavalescos, as rodas de samba com feijoada, capoeira, jongo, funk, as manifestações culturais diversas vezes criminalizadas são até hoje formas de resistência da cultura afro-brasileira e uma herança de um passado que existe e resiste no presente.

A Frente Negra Brasileira

(FNB) surgiu em São Paulo em 1931 e teve núcleos em outros estados do país. Ela oferecia aos seus membros assistência jurídica, social e, principalmente, educação para que eles tivessem condições de se colocar no mercado de trabalho em pé de igualdade com pessoas brancas. Em 1944, surgiu no Rio o Teatro Experimental do Negro (TEN) que, por meio das artes cênicas, cumpriu o papel de ofertar aos seus participantes uma educação antirracista e o resgate da herança africana.

As duas iniciativas energavam a formação intelectual como ferramenta emancipadora. Conhecer a história do povo preto e do mundo era fundamental para mudar as estruturas sociais. “Ter atitudes antirracistas como essas é contribuir para abalar a própria base da sociedade que vivemos. Procurar trabalhar e redefinir essas relações étnico-raciais é mexer no alicerce da sociedade”, observa o professor de história e mestre em Relações Étnico-Raciais **Fabrizio Castilho**. Para ele, ter um posicionamento antirracista é transformar as bases da educação a partir do conhecimento de outra narrativa, não contada nos livros de história.

O regime ditatorial não

foi capaz de impedir a agitação dos movimentos sociais. Em 1978, reunidos na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, coletivos negros protestaram contra situações de discriminação racial, criando, assim, o Movimento Negro Unificado (MNU), uma das mais importantes entidades negras da atualidade. Um dos papéis do movimento negro é lutar pelo reconhecimento do dia 20 de novembro e pela recordação de lideranças negras, como Zumbi dos Palmares, que morreu nessa data. Além disso, entendem que o dia 13 de maio (e as consequências dele) não é para se comemorar e sim, refletir. Assim, as articulações negras ressignificaram a data para o Dia Nacional da Luta contra o Racismo.

A partir das articulações de membros do MNU, diversas foram as legislações de combate ao racismo e ações afirmativas que surgiram como forma de promoção da igualdade racial. As leis que criminalizam o racismo, a inclusão do estudo da história afro-brasileira nos currículos escolares e a criação de cotas raciais em concursos são algumas das ações afirmativas para se buscar igualdade. Graças a essas articulações, é possível pensar na mudança da estrutura desigual do país.



Os mestres Filipe Gomes, Lorraine Janis e Fabrizio Castilho no evento Herança Africana



Nota de Pesar

Com o passar do tempo, os moradores perceberão que a equipe de distribuição do Maré de Notícias está reduzida, com menos uma pessoa. Em 14 de abril, perdemos a **Luana Cristina Alves**. Além da distribuição, ela era bastante participativa na construção do nosso jornal, ouvindo os moradores e trazendo sugestões de pauta. O Maré de Notícias se solidariza com a família, os amigos e seus parceiros de trabalho e sente muito pela perda. Luana morreu de infarto e deixa duas filhas e o marido Sérgio, que também trabalha na distribuição.

TESTE GRÁTIS
de coronavírus mais perto de você!
Confira a agenda:

2ª feira
Marcílio Dias
Associação de Moradores
Avenida Lobo Júnior, 83
Das 7 às 13 horas

3ª e 5ª feira
Vila do Pinheiro
Ciep Ministro Gustavo
Capanema - Via A1, s/nº
Das 7 às 13 horas

4ª feira
Nova Maré
Lona Cultural Herbert Vianna
Rua Evanildo Alves, s/nº
Das 7 às 13 horas

Domingo
Parque Maré
Galpão Ritma
Rua Teixeira Ribeiro, 521
Das 9 às 16 horas

Leve documento de identificação original com foto e, se possível, aparelho celular. Testagem só para pessoas a partir de 12 anos.



(21) 99924-6462
(mensagem para Redes da Maré)

Realização



Apoio



CAÇA-PALAVRAS

As palavras deste caça-palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

O G G O B Y D K F R D W T D O D L A I P L L
 ã S T U E E E L P A E T U A T O L A W R N H
 Ç R O K S D N S E R V T H O W G H O S T A A
 I H N I O D O U H S E E E H S T S I A V W E
 U O H D O E D S U S R E L U I Y I Á I I D C
 L I N E N T C R A A R L N E R P R E T W H E
 O T N T T I W E E I E R N A I V C A H O O A
 P H L N S U D R U A T L O S O R E I E H H H
 H S E T T Q D G S C A L E R A M A A H N I L
 I W H L I N H A V E R M E L H A N L A A I E
 A T A G A O I S N F B S M N E A N P U R Y F
 D C T E N R N I E O A G A A A I F F I E S B
 E U N T E B O A C W H L S E S A S M A O R I
 R V T I L L R Y A E E C G T R I A L A A I
 L R W O L I S A R B A D I N E V A A Y I O T
 I L E G I S S O P E C W A H R N A I A L A S

FICA ESPERTO NOS ASSUNTOS

- AVENIDA BRASIL
- ASMA
- LINHA AMARELA
- BRONQUITE
- LINHA VERMELHA
- ÁRVORES
- AR
- POLUIÇÃO
- FAVELEIRA



Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

@maredenoticiasoficial

@maredenoticias

@MareNoticias

(21) 97271-9410

contato@maredenoticias.com.br

www.mareonline.com.br